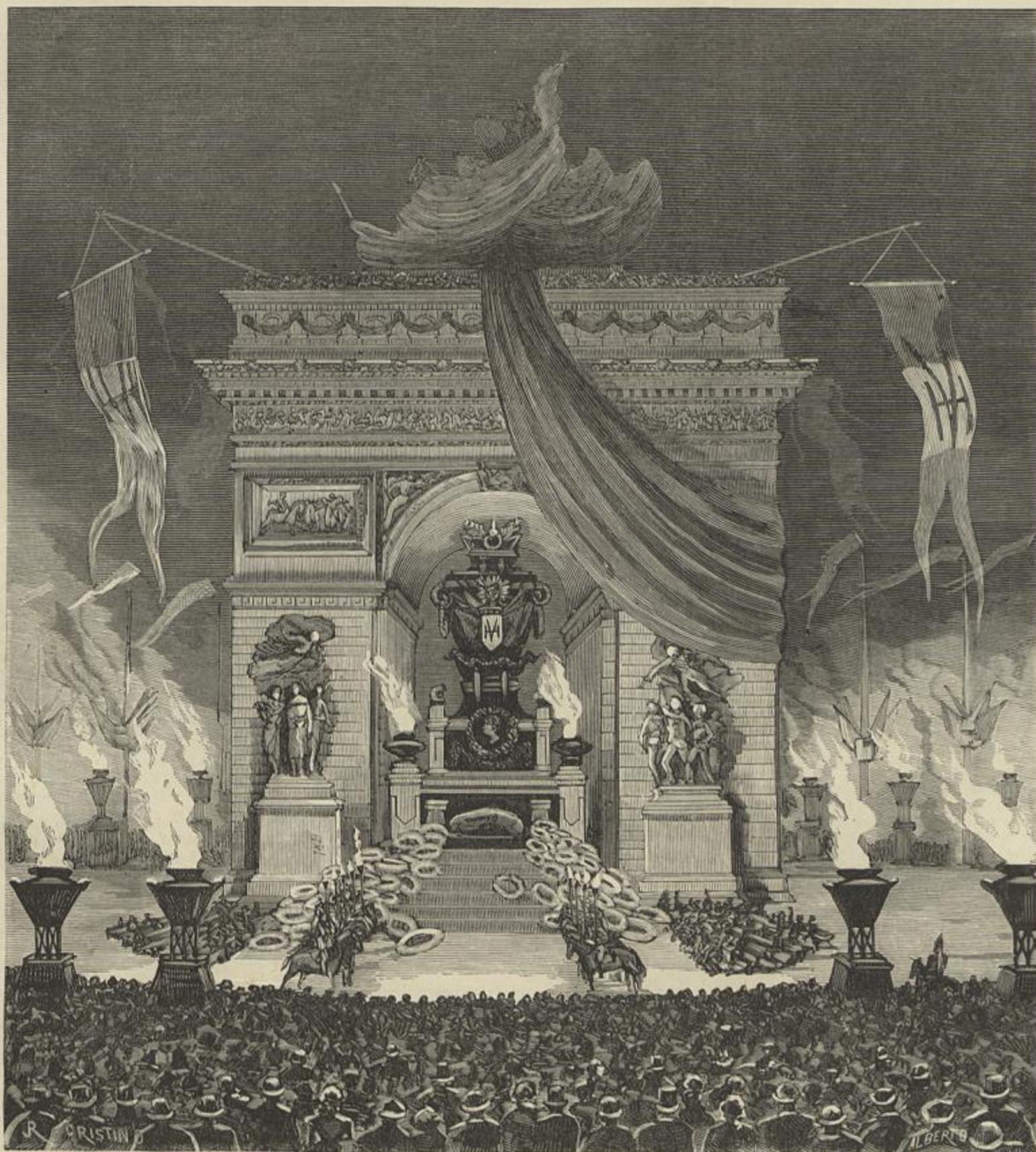
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

8.º ANNO | 21 DE JUNHO DE 1885 | VOLUME VIII — N.º 234

FUNERAES DE VICTOR HUGO — Exposição do feretro sob o Arco da Estrella, nos Campos Elysios — 31 de maio e 1 de junho de 1885
(Desenho de J. Christino, segundo uma photographia enviada de Paris)

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma das coisas mais raras de apparecer em Lisboa, e no fim de contas em todo o mundo, é uma idéa nova.

Eu mesmo não sei se pode já haver alguma idéa que seja nova n'este mundo, que é tão velho, mas em todo o caso idéa que ainda que não seja nova o pareça.

O anno passado appareceu na Tapada da Ajuda uma novidade — a Kermesse

Não era precisamente uma invenção, era uma apropriação.

A Kermesse ha que tempos que andava lá por fóra: mas não tinha nunca chegado cá.

S. M. a Rainha inspirada por essa grande coisa — a *caridade*, nacionalisou a Kermesse, e nacionalisou-a explendidamente.

Depois aconteceu o que acontece sempre no nosso paiz logo que apparece uma novidade.

Toda a gente se atira a ella com unhas e dentes e a novidade envelhece em oito dias a ponto de já ninguem a conhecer.

A Kermesse da Tapada foi uma grande Kermesse, uma festa perfeitamente excepcional, uma novidade de *primo cartello*.

Depois surgiram de todos os cantos *Kermessesinhas* por dá cá aquella palha, e essa feira excepcional e brilhante, tornou-se n'uma feira trivial e insonsa, como a feira de Belem ou a feira das Amoreiras.

Entretanto como essas festas teem sempre um fim nobre e generoso — a *caridade*, esse fim faz perdoar os meios, e todas as Kermesses que para ahi tem havido, embora chôchas e insipidas tem sido bem recebidas pelo publico e tem conseguido os resultados a que visavam.

De repente, do meio d'essa aluvião de Kermesses monotonas, banaes, empastadas todas na grande massa da vulgaridade, destacou-se uma que, além de ser uma obra de caridade, foi uma festa brilhante — a Kermesse de Santo Antonio dos Capuchos.

O *ram-rão* apossára-se já das Kermesses e esta venceu-o triumphante. Buscou elementos novos de successo, ressuscitou o divertimento mais popular de Lisboa e ha muitos annos assassinado por divertimentos novos que nunca conseguiram ter a sua poderosa influencia na pasmaceira indigena — o fogo de vistas, e foi pedir ao gaz, ao velho gaz tão maltratado n'estes tempos de luz electrica, um esforço heroico, que mostrasse ainda o que elle valle, e o que elle pode.

E o gaz encheu-se de coragem, encheu-se de brios, aproveitou a occasião de dar um *quinau* á luz electrica, á sua rival triumphante, e a esplanada de Santo Antonio dos Capuchos apresentou uma illuminação explendida, deslumbrante, como ha muitos annos se não via em Lisboa.

No fim de contas essa illuminação se agradou muito a todos, não surprehendeu ninguem.

Toda a gente sabe o que o gaz pode: mas sabe tambem que o grande mal de Lisboa é elle não querer, e a camara municipal não o obrigar a isso.

A luz electrica ha de vencel-o por força, como elle venceu o azeite — é a eterna historia do *ceci tuera cela*: mas ha de levar seu tempo.

A luz electrica ainda não disse a sua ultima palavra: mas o gaz que já a disse, teima em não querer repetil-a muitas vezes, e apresenta-se ahi pelas ruas balbuciante, como se estivesse na sua primeira infancia.

Na Kermesse de Santo Antonio dos Capuchos, ahi sim, deu o que tinha a dar, e é muito, e quando a gente sahia d'aquella vasta explanada clara como o dia, e esbarrava com a luz mortiça de lamparina barata, que a companhia fornece á camara municipal e com que ella escurece os seus municipes, custava a acreditar que essas luzes, as da rua, e as lá de dentro, sahissem do mesmo gazometro, fossem feitas com os mesmos materiaes.

Um dos outros elementos de successo de que a Kermesse do Asylo da Mendicidade lançou mão, e muito avisadamente, foram as sortes premiadas.

Isto de encontrar bons premios em sortes baratas, bons e muitos, é um meio seguro de alcançar grandes resultados.

D'esse modo os bazares de caridade serão frequentados avidamente por toda a gente, porque ao mesmo tempo que são uma bella receita para os asylos, são um bello negocio para o publico.

Desde o momento em que todos os premios são offerecidos ao bazar, elle pode espalhal-os com mão prodiga pelas suas sortes, e fazer pouquissimo gasto de papel branco.

E os bazares de caridade triumpharão inevitavelmente assim de todos os outros bazares de commercio; ninguem poderá luctar com elles e o publico correrá todo a comprar essas sortes, certo de que não vae ao encontro d'uma exploração dos seus cobres, e de que se habilita com as sortes que compra a que lhe saia qualquer dos magnificos premios que lhe fazem arregalar o olho, pavoneados nas suas parteleiras.

Na Kermesse de Santo Antonio dos Capuchos aconteceu exactamente isto.

Não havia alli premios para vista, nem numerosas resmas de papel almasso a vintem o quadradinho. Os premios insignificantes, e as sortes brancas estavam todas misturadas com uma grande boa fé, com uma grande lizura, deixando perfeitamente á sorte o direito de favorecer os seus escolhidos.

E assim houve muita gente que, com tres sortes apenas, apanhou premios d'alto valor, como por exemplo, uma bella machina de costura, offerecida ao bazar por El-Rei D. Luiz, salvas de prata, porcelanas finissimas, etc.

E por tudo isto, a Kermesse de Santo Antonio dos Capuchos foi uma festa brilhante, concorridissima por todas as classes sociaes, e deu um grande resultado, resultado porque felicitamos a commissão promotora d'essa festa, louvando-lhe sinceramente o fino tacto e o alto bom gosto com que souberam planeal-a e executal-a.

O theatro da Trindade fez acquisição d'uma nova actriz — a Pepa.

E pode-se dizer affoitamente uma nova actriz, porque a Pepa que nos veio do Brazil é positivamente uma nova actriz, não é aquella rapariguita hesitante e incorrecta, que nós vimos na Rua dos Condes e no Principe Real.

Outro dia, quando ella fez beneficio no Gymnasio, n'uma recita extraordinario, ficámos verdadeiramente surprehendidos.

Logo na sua apresentação vimos que a Pepa fôra metamorphoseada pelo estudo, que o seu gentil talento se avigorára com o tirocinio scenico lá por fóra, que a mulher ganhára em graças, e a actriz em sciencia theatral.

A sua voz de pequeno volume, enriqueceu de timbre, melhorou de afinação, aprimorou-se em methodo.

A sua fala, d'antes de um portuguez muito duvidoso, corrigiu-se, conservando apenas um ligeiro *tic* hespanhol, que, longe de a prejudicar, lhe dá uma graça extranha.

A actriz vem outra completamente; representa, sabe dizer, sabe ouvir, sabe estar em scena, tem uma linha distincta, elegante de actriz moderna, um bello tom de mocidade, de alegria e de petulancia, que faz lembrar as actrizes francezas.

A Empreza da Trindade que ha muito tempo andava á procura de actrizes novas, de actrizes de operetta, um genero difficilimo de encontrar em Portugal, lançou logo mão da Pepa, e já a metteu no seu reportorio.

Pepa estreiou-se nos *Sinos de Corneville*, fazendo o papel creado em Lisboa pela Herminia.

Era um confronto serio, e Pepa triumphou brilhantemente d'elle, sendo muito applaudida, e fazendo o papel com muita graça, e com delicada arte.

E já que estamos falando de theatros, registraremos aqui o apparecimento de um jornal de theatros, perfeitamente novo entre nós pela seriedade, consciencia e imparcialidade com que trata todas as questões artisticas — a *Revista Theatral*.

Tem havido entre nós muitos jornaes exclusivamente theatraes, mas a apparição da maior parte d'esses jornaes tem sido sempre determinada por quaesquer questões de bastidores.

Um cria-se para guerrear certa empreza, outro para defender certa actriz, um para deitar abaixo uma reputação que nos faz sombra, outro para fazer uma celebridade a qualquer artista que nos é querido ou querida.

A *Revista Theatral* não nasceu de nenhum d'estes motivos, foi creada exclusivamente para fazer critica theatral, uma coisa que ha bastante quem saiba fazer, mas rarissimos ou nenhuns que façam.

E por isto mesmo, a necessidade de uma critica theatral severa mas delicada, minuciosa mas imparcial, era urgentissima.

Precisava-se d'isso como de pão para a bocca, na phrase popular; a ausencia de critica severa, a persistencia da louvaminha e do *reclame*, culpa de que nós todos jornalistas somos culpados, tem feito um mal enorme á arte, aos artistas, aos auctores e ao publico.

É por isso que festejamos com sincero enthusiasmo o apparecimento da *Revista Theatral*.

Este jornal é dirigido por dois rapazes de incontestavel talento, os srs. Joaquim Miranda e Collares Pereira, talento provado nos onze numeros que temos aqui ao nosso lado.

Os dois directores da *Revista Theatral* eram-nos completamente desconhecidos, e de quasi toda a gente. Não teem largo passado litterario, nem o podiam ter, porque são muito novos ainda. Não trouxeram para a critica theatral a auctoridade de nomes laureados: trouxeram a sinceridade das suas convicções, e o *porquê*, logico e sensato, das suas affirmativas.

Nas suas criticas não se limitam a dizer que uma peça ou um desempenho é bom ou mau. Explicam minuciosamente a razão do seu dito; e se ao encontrar um nome desconhecido firmando um artigo, póde haver um certo desdem por esse artigo; depois de o lêr, esse desdem passa; embora ás vezes se possa não concordar com algumas das apreciações lidas, não se póde deixar de reconhecer que são feitas sinceramente, e que, quem as faz tem talento, tem criterio, tem estudo e tem boa vontade.

A *Revista Theatral* é um jornal que póde prestar grandes serviços á nossa arte e á nossa litteratura dramatica. Ha sómente uma cousa a temer, é que, sendo mais conhecidos, os criticos da *Revista* comecem a ser tolhidos na imparcialidade das suas criticas pelas relações pessoaes com os criticados, esse mal quasi inevitavel no nosso pequeno meio social, em que todos se conhecem, é que tem dado cabo da critica.

Se os directores da *Revista Theatral* conseguirem salvar-se d'esse escolho, então, a critica portugueza triumphará com elles; desde o momento em que se consiga dizer verdades sem desmanchar amisades, a critica libertar-se-ha do *réclame* perpetuo e da lisonja usual, e n'isso todos nós teremos a ganhar.

Nos onze numeros já saídos, a *Revista Theatral* ainda nem um momento se afastou do caminho direito que se impozera: continue assim, que fará mais do que um serviço litterario, fará um serviço nacional.

Gervasio Lobato.

OS FUNERAES DE VICTOR HUGO

A MORTE DO POETA

O desenlace final d'aquella vida gloriosa succedeu pouco depois das oito horas da manhã do dia 22 de maio de 1885.

A lucta entre a vida e a morte tinha-se prolongado desde a vespera, com notavel vigor, mais proprio de uma edade viril que dos 83 annos que o poeta havia completado, em 26 de fevereiro ultimo.

Victor Hugo morreu na sua cama de pau santo, de columnas torcidas e costas entalhadas, disposta n'um quarto do primeiro pavimento da casa e com janella sobre o jardim. Vestia de flanella vermelha, o que fazia um contraste singular com a alvura da sua cabeça sublime; por sobre o leito mortuario tinham sido depostas abundantes flôres colhidas no jardim do poeta. Não se diria que estava alli um morto, com todos os horrores que a morte produz. O luto que cobria o coração dos mais intimos do poeta, era suavisado pela idéa de que não eram só elles que o choravam, extendia-se a todo o mundo onde chegára o nome de Victor Hugo. O que se ia seguir não era um funeral era uma apotheose; a morte fazia reviver o enthusiasmo, a adoração, a gloria. A' medida que a terra mirrasse aquelle corpo, cresceria a estatura d'aquelle espirito.

A noticia da morte de Victor Hugo foi transmittida por Victorien Sardou ao povo que, em grande massa, se agglomerava em frente da casa, ancioso por saber do estado do poeta.

Com esta noticia o movimento cresceu e de toda a parte affluia gente a inscrever o seu nome n'um grande livro de pezames, para esse fim collocado sobre uma mesa á entrada da casa. Entretanto Dalou tirava a mascara do morto para modelar o ultimo busto de Victor Hugo. Bounat transportava para a tela o quadro que se apresentava n'aquelle momento, no quarto de Victor Hugo. O poeta estendido sobre a cama parecia deposto em um canteiro de flôres, a luz que entrava pela janella convergia toda para a alvura dos seus cabellos, as feições apresentavam a quietura da morte, sem contracções violentas que denunciassem as torturas da ultima agonia. Nadar tambem photographou pela ultima vez a Victor Hugo.

No dia seguinte foi o cadaver embalsamado pelo dr. Cornil, sendo depois collocado em o caixão, acto a que assistiram todos os *maires* dos bairros de Paris. O primeiro caixão em que o cadaver foi deposto, é de chumbo, forrado de setim branco e tem uma almofada de velludo vermelho onde des-

cança a cabeça do morto; este caixão entra dentro de um segundo de madeira envernisada de preto, encerrando-se os dois em um terceiro caixão de acaju forrado de velludo preto recamado de estrellas de prata, tendo sobre a tampa uma placa do mesmo metal com a seguinte inscripção gravada:

VICTOR HUGO
(XVI)
26 DE FEVEREIRO DE 1802
22 DE MAIO DE 1885

O ENTERRO

Nas ultimas disposições testamentarias de Victor Hugo, encontram-se as seguintes clausulas:

«Desejo ser conduzido ao cemiterio no carro dos pobres.

«Recuso os officios funebres e as rezas de todas as egrejas; peço uma oração a todas as almas.

«Creio em Deus.»

Estas disposições de Victor Hugo, que não deixam de envolver uma contradicção, determinaram que no seu enterro não entrassem suffragios nem ceremonias religiosas.

O governo de França apresentou ao parlamento uma proposta para que o enterro fosse feito á custa da nação, pedindo para isso um credito de 20:000 francos. Apresentou tambem um projecto de lei para a secularisação da egreja de Santa Genoveva, e destinando-a a Pantheon Nacional, para alli serem guardados os restos de Victor Hugo. A primeira proposta foi approvada por unanimidade menos tres, e a segunda por grande maioria apesar de ter levantado alguns protestos.

Para dar tempo aos preparativos do grande funeral, e ás deputações que, de differentes pontos da França e do extrangeiro, deviam chegar a Paris a tomar parte no cortejo funebre, demorou-se o enterro até ao dia 31 de maio, em que o corpo foi levado de casa com grande acompanhamento e deposto sob o arco do triumpho da Estrella, onde esteve em exposição durante aquelle dia e noite até ás 11 horas da manhã do dia seguinte.

Sob o arco da Estrella estava armado um grande catafalco de 22 metros de altura, forrado de preto com franjas e galões prateados. Um grande crepe envolvia o grupo que coróa o monumento, e vinha cahir em guisa de banda sobre o lado esquerdo do arco. Quatro enormes estandartes fluctuavam nos quatro angulos superiores do monumento, e n'elles se liam as iniciaes do nome do poeta. Um renque de crepes dispostos em semicirculos, guarneciam a cimalha do arco. Em volta, ormando um grande circulo ou praça de respeito, viam-se erguidos mastros com bandeiras, assentando nos mesmos, a um terço de altura, uns escudos pintados onde se liam os titulos das differentes obras de Victor Hugo. Na mesma linha estavam dispostos grandes fogareus que illuminavam fortemente com os seus fogachos intensos.

O caixão com o corpo do poeta foi collocado ao sopé do catafalco, e alli, em torno, foram depostas um cem numero de coróas de todas as procedencias.

Os amigos mais intimos e os batalhões escolares guardavam o feretro, e uma fila de couraceiros a cavallo, empunhando brandões accesos, formava ala á multidão que desfilava pela frente do cadaver.

Grandes focos de luz electrica completava durante a noite a illuminação do largo da Estrella, que apresentava um espectaculo fantastico.

De meia em meia hora salvava a artilheria do Monte Velariano.

Ás 11 horas do dia 1 do corrente seguiu o enterro para o Pantheon, tendo primeiro pronunciado discursos na presença do morto os srs. Le Royer, presidente do senado, Floquet, presidente da camara dos deputados, Emiljo Augier, representante da academia franceza, e Goblet, ministro da instrucção publica.

Terminados os discursos principiou a desfilar o cortejo funebre, rompendo as musicas dos corpos da guarnição de Paris, o hymno de Victor Hugo, composto por Saint-Saens, e dando a artilheria do Monte Velariano uma salva de 21 tiros. Abria o prestito um esquadrão da guarda republicana, ao qual seguia o governador de Paris com todo o seu estado maior, o regimento de couraceiros precedidos pelos tambores de toda a guarnição, cobertos de luto, e a musica da artilheria de Vincennes. Seguia-se então o carro mortuario, que era o dos pobres, conforme a determinação do finado, no qual ia o corpo de Victor Hugo, a este carro seguiam-se o carro funebre de Thiers e mais 12 conduzindo corôas. O carro que conduzia Victor Hugo era acompanhado pela familia do poeta; uma deputação de Besançon, terra da sua naturalidade; a Imprensa; a Academia; a Sociedade dos Homens de Lettras e a dos Auctores Dramaticos; a corporação dos officiaes do exercito e outras deputações, completando o cortejo mais 600 carros conduzindo representantes e delegados de differentes corporações tanto nacionaes como extrangeiras.

O cortejo teve uma paragem na praça da Republica, onde foram entoados cantos funebres pelos coros da Grande Opera de Paris, Opera Comica, e alumnos do Conservatorio, em numero de 250 vozes acompanhadas por 200 executantes.

O prestito percorreu um trajecto de proximo 5 kilometros, e tendo chegado ao Pantheon ás duas horas da tarde, só ás quatro é que sahiu da praça da Estrella a ultima parte d'elle.

O corpo de Victor Hugo foi depositado na crypta ás quatro horas da tarde, sendo proferidos discursos n'essa occasião, por Henri Sornier, em nome da Sociedade dos Auctores Dramaticos, Jules Claretie, em nome da Sociedade dos Homens de Lettras, Madier de Montjau, em nome dos proscriptos de 2 de dezembro, o *maire* de Besançon e Got, decano da *Comedie*, tornando a usar da palavra Goblet para receber o corpo de Victor Hugo.

O funeral de Victor Hugo foi uma verdadeira apotheose.

O ARCO DA ESTRELLA E O PANTHEON

Cabe aqui dizermos duas palavras sobre estes dois formidaveis monumentos, que n'este momento tomaram uma parte tão importante, nas homenagens que a França acaba de prestar ao seu grande poeta, que o é tambem da humanidade.

O arco da Estrella edificado no extremo dos Campos Elyseos, domina toda a cidade de Paris. Foi lançada a primeira pedra d'este monumento a 15 de agosto de 1806 para perpetuar a memoria das grandes batalhas ganhas pelos francezes aos russos e austriacos.

Effectivamente o arco da Estrella é um conjuncto de allegorias ás victorias dos exercitos de Napoleão I, e assim os 4 grupos que se vêem nas suas faces, dispostos em pedestaes aos lados da abobada do arco, representam: *A partida de 1792*, por Rude; *O triumpho de 1810* por Cortot; *A resistencia contra os invasores da Patria, em 1814* e *A paz de 1815*, por Etez. Os baixos relevos representam: *O funeral de Marceau, A batalha de Aboukir, A passagem da ponte de Arcole, A tomada de Alexandria, A batalha de Austerlitz* e *A batalha de Jemmapes.*

Este grande monumento levou 30 annos a fazer, ficando concluido em 1836. Custou nove milhões e seiscentos mil francos. O primeiro cortejo que passou por elle, quando ainda em alicerces, foi o de Maria Luiza, em 1810; em 1824 a entrada do duque de Angoulême; em 1837 a entrada da princeza Helena; em 1840 o funeral de Napoleão I e em 1842 o funeral do duque de Orleans.

A egreja de Santa Genoveva secularisada em Pantheon pelo governo francez, foi mandada construir no reinado de Luiz XV sendo lançada a primeira pedra a 6 de setembro de 1764.

O architecto foi Suffot que morreu de desgosto em 1781, antes de concluida a edificação, por se desconfiar que ella abateria antes de acabada.

Por morte de Mirabeau, o Directorio de Paris apresentou á Assembléa um projecto para secularisar a egreja de Santa Genoveva, padroeira da cidade, em Pantheon Nacional, para ser recolhido n'elle o corpo do grande tribuno.

A proposta foi approvada com enthusiasmo e tratou-se de fazer algumas modificações no edificio com o fim de o apropriar ao effeito. A propria revolução que creava o Pantheon dos seus heroes foi a mesma que os deitou de lá para fóra, e quando veio o imperio, este restituio as coisas ao seu antigo estado, voltando a egreja de Santa Genoveva a ser templo religioso, com a condição de ser a sepultura para os grandes dignatarios e homens celebres da França.

Os restos de Rousseau e Volter estavam lá depositados, mas desappareceram dos sarcophagos. Crê-se que foram os padres que lhe deram outro destino, por lhes parecer uma impiedade a sua permanencia sob as abobadas sagradas.

Luiz Filippe tornou a secularisar o templo e Napoleão III a restituil-o á religião; e assim estava quando o governo da Republica propoz que fosse de novo secularisado e voltasse a ser o Pantheon dos homens gloriosos da França.

C. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

CASA ONDE NASCEU VICTOR HUGO EM BESANÇON

Ainda existe a casa que foi berço do grande poeta e onde elle viu a primeira luz do mundo, aos 26 de fevereiro de 1802.

É em Besançou, capital do departamento do Doubs, em França, distante 360 kilometros ao S. E. de Paris e na grande rua que dá para a praça de S. Quintino e que a camara municipal passou a dominar rua de Victor Hugo, por deliberação tomada em sessão municipal de 13 de março de 1879, resolvendo tambem por essa occasião mandar collocar uma lapida commemorativa do nascimento do poeta, na casa, com a seguinte inscripção:

VICTOR HUGO — 26 DE FEVEREIRO DE 1802

A casa é no predio que tem o n.º 140, e Victor Hugo nasceu no primeiro andar da esquerda, no quarto que tem duas janellas para a rua e que ainda se conserva com a mesma disposição que tinha n'aquelle tempo.

Morava alli José Hugo, ditoso pae do poeta e que então era commandante da vigessima-meia brigada do exercito de Napoleão.

O concelho municipal de Besançon, conserva com justa razão, o maior respeito por esta casa que bem se póde considerar um monumento historico, o que não impede que a propriedade pertença a um particular, correndo o risco de soffrer alguma alteração ou mesmo demolição, se o municipio a não comprar para a livrar de qualquer d'estes attentados.

A CASA DE VICTOR HUGO EM HAUTEVILLE-HOUSE

Quando o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851, vibrado por Napoleão III, a quem Victor Hugo chamou — *Napoleon le petit*, expatriou da França os que conspiravam contra o segundo imperio, Victor Hugo era o primeiro nome que figurava na lista dos proscriptos.

Tentou reagir contra a arbitrariedade despotica do seu *petit Napoleon*, mas teve que se resignar a deixar a França, procurando o primeiro refugio na Belgica.

Não esteve, porém, muito tempo alli, e passou a Jersey, ilha da Mancha, muito proxima da França e pertencente ao condado de Southampton.

De Jersey passou a Guernesey, onde habitou a casa de Hauteville-House, que a nossa gravura representa.

Alli passou o poeta o seu exilio de vinte annos, durante os quaes escreveu as suas melhores obras e n'aquelle gabinete que a nossa gravura representa, o qual é construido sobre o telhado da casa, todo guarnecido de vidros, deixando entrar toda a luz do Oceano, que d'elle se descobre em toda a sua enorme extensão.

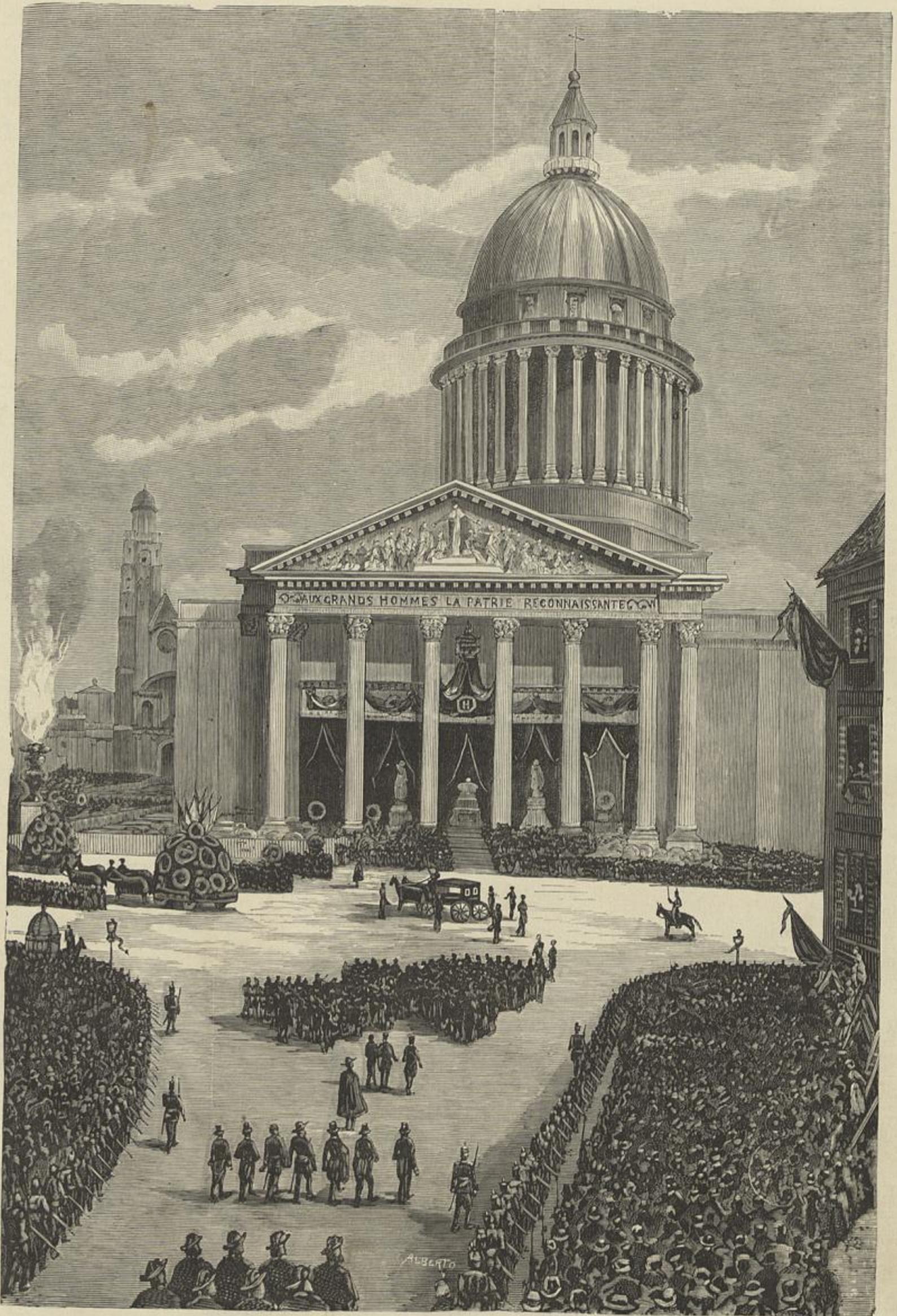
Era alli que o poeta se inspirava para as suas arrojadas concepções, tão grandes e tão magestosas como a grandeza dos mares e a magestade do ceu, que a sua vista abrangia d'aquella eminencia, acima da qual ainda subia o seu genio.

As excellencias da natureza, que desabrochava em fructos pelos campos de Guernesey, illuminados pelo sol doirado das primaveras, ou o mar revolto impellido pela furia das tempestades, tudo o poeta gosava d'aquelle mirante, onde o tinha exilado a patria, como para melhor lhe retemperar o espirito para as suas creações sublimes em presença das grandes luctas dos elementos.

O poeta parece que assim o comprehendia, e por isso elle tanto gostava do seu mirante de Guernesey.

A sua casa alli era uma verdadeira maravilha; a sua galeria artistica, chamada *Galeria de Carvalho*, encerrava primores de arte do mais alto preço. O jardim onde Victor Hugo passava horas e horas do seu exilio, era uma mansão encantadora que tinha pedido á arte e á natureza todos os segredos das suas maravilhas, e tudo isto não era mais que o fructo d'aquelle espirito privilegiado, que embellezava e abrilhantava tudo que o cercasse.

Victor Hugo tinha uma grande predilecção pelo mar, e foi isto que mais influiu no seu espirito para escolher aquella ilha para seu exilio de preferencia a outro qualquer ponto da Europa.

O exilio do poeta terminou com a queda de Napoleão III e a proclamação da nova republica em França, em 1871, epocha em que voltou para Paris, onde foi recebido com as maiores demonstrações de enthusiasmo.

FUNERAES DE VICTOR HUGO — Chegada do prestito ao Pantheon (Desenho de J. Christino, segundo uma photographia enviada de Paris)

HYPPODROMO DE BELEM

As corridas de cavallos na primavera de 1885

Realisaram-se nos dias 12, 13 e 14 do corrente as primeiras corridas de cavallos do presente anno, denominadas da Primavera. Estas corridas, devidas á corajosa insistencia da Sociedade Promotora do Apuramento de Raças Cavallares, não tiveram uma concorrencia de espectadores extraordinaria, como em geral este genero de diversões desperta nos paizes do norte, ou mesmo em Hespanha onde se teem nacionalisado.

D'ahi o chamarmos corajosa insistencia ao empenho com que a referida Sociedade tem procurado nacionalisar no paiz estes concursos, que servem de divertimento, e ao mesmo tempo de estimulo para o apuramento e creação das differentes raças cavallares, bastante descurado em Portugal.

Entretanto *chi dura vince*, e estamos persuadidos que o publico ha-de chegar á comprehensão da utilidade d'estas diversões e que se ha de interessar por ellas, como em outros paizes onde este genero de divertimentos produzem o maior enthusiasmo e constituem sempre um acontecimento a disputa dos premios, e muito principalmente do *grande premio*.

Nas corridas que se realisaram nos dias 12, 13 e 14 do corrente, haviam premios valiosos dados pela Sociedade, pelo Governo, por El-rei, pela Rainha e pelo principe real, na importancia de réis 3:600$000, além dos objectos de arte, que todos eram de valor.

Casa onde nasceu Victor Hugo, em Besançon

Entraram na corrida cavallos portuguezes e extrangeiros, pertencentes aos srs. duque de Fernan Nuñez, conde de Sobral, Manuel Vaz Preto, conde da Ribeira, D. Juan Pedro de Aladro, André Gonçalves, Mina Albentos e Alfredo Monteverde.

Os premios foram disputados com valentia, e os cavallos que melhor correram foram os do sr. conde de Sobral, especialmente *Mission*.

Falta-nos o espaço para entrarmos na apreciação rigorosa d'este certamen, e porque, de resto, só pretendemos consignar o facto e chamar a attenção publica sobre este genero de divertimentos que tem aliaz um lado tão util e proveitoso, como é o apuramento das raças cavallares.

As corridas apresentaram d'esta vez uma novidade, a qual foi as corridas militares, isto é, de cavallos de cavallaria do exercito, montados por officiaes. Esta novidade, porém, não se destinguiu de uma maneira muito brilhante, porque os cavallos correram mal, além de não serem exemplarmente montados. A repetição, porém, d'estes concursos devem despertar emolações e com ellas o progresso, pois que a nossa cavallaria se não é da melhor tambem não é da peor.

No dia 13, antes das corridas, teve logar uma exposição de poldros; concorreram bastantes, e o primeiro premio, para poldros de dois annos, foi conferido ao *Missouri* do sr. conde de Sobral, e uma mensão honrosa ao *Fandango*, do sr. Antonio Galache.

O primeiro premio para poldros de tres annos, foi dado ao *Leviano*, do sr. conde de Sobral,

Casa de Victor Hugo, em Hauteville-House

Gabinete de trabalho de Victor Hugo, na sua casa de Hauteville-House

e mensão honrosa ao *Missionario*, do sr. Manuel Vaz Preto.

A gravura que publicamos na oitava pagina, desenhada pelo nosso collaborador J. Christino, representa o hyppodromo de Belem, e dá idéa de uma corrida.

Falta-lhe a animação do publico que em toda a parte ajuda a completar o espectaculo, não se sabendo muitas vezes qual diverte mais, se as corridas se o enthusiasmo que ellas despertam nos espectadores com as apostas que se fazem, e com as calorosas ovações aos triumphadores.

AURORAS DA INSTRUCÇÃO PELA INICIATIVA PARTICULAR

POR

D. ANTONIO DA COSTA

SEGUNDA EDIÇÃO

Não faço profissão de critico, nem ando filiado no jornalismo militante, duas rasões que deveriam absolver o meu silencio, se fosse justo guardal-o, a proposito de um livro sério e bom, como este que acaba de publicar, em segunda edição, o sr. D. Antonio da Costa.

Não desmente este livro, antes robustece, os creditos do auctor da *Historia da instrucção popular em Portugal*, do *Christianismo e o Progresso*, dos *Tres Mundos*, da *Instrucção Nacional*, e outras obras, que denunciam um pensador dado ás cogitações do bom e do util, sem deixar de curar do estylo, que é a roupagem com que se vestem as idéas, para as tornar aprasiveis e seductoras.

Exceptuando a menção diaria, e por vezes caustica, dos espectaculos theatraes, a imprensa deixa, quasi que sem excepção, passar indifferentemente os livros que mais lhe deviam occupar a attenção, e não raro são os adventicios que vem protestar contra a incuria dos criticos encartados, dando conta das obras de que o jornal apenas accusou a recepção, consubstanciada na formula concisa e banal *de agradecemos*.

Quando o corrilho não intervem, saudando esta ou aquella excentricidade litteraria, o silencio da imprensa é sepulchral, o que não impede que os livros bons façam seu caminho, e resurjam em segundas edições, como acontece com os do sr. D. Antonio da Costa, que, apesar de não convidar padrinhos, sabem por si sós insinuar-se no espirito publico.

A este indifferentismo do jornal pelas locubrações litterarias, fazem de vez em quando excepção os srs. visconde de Benalcanfor e Julio Cesar Machado. São elles, quasi exclusivamente, que nos falam dos livros bem pensados, e litterariamente bem feitos, dos srs. Antonio de Serpa, Andrade Corvo, Nogueira Soares, D. Antonio da Costa e outros, acordando as multidões que bocejam ao vêr passar no enxurro dos romances traduzidos do francez, ou na moderna algaravia poetica, a denuncia do desamor nacional pelas obras dos seus escriptores de incontestavel valia.

O sr. D. Antonio da Costa tem sido constantemente o seu proprio editor, o que lhe poupa o inglorio mister de mendigo, ao mesmo tempo que revela n'elle a consciencia que tem do merecimento intrinsico das suas obras, e a fé relativa no pobrissimo mercado de livros portuguezes, que lhe dá a elle o mais, e é pouco, que os nossos escriptores auferem do seu trabalho, seja em que genero fôr de litteratura.

Apostolo fervente da instrucção popular, é na sua qualidade de chefe de uma das repartições da direcção geral da instrucção publica, no ministerio do reino, que o sr. D. Antonio da Costa tem podido apalpar as miserias que vão por todos os ramos do ensino publico e official, e é por isso que n'este seu ultimo livro reveste o caracter do chronista e estimulador da *iniciativa particular*, alentando-a, e d'ella como que esperando os milagres que o Estado não tem querido, ou não tem sabido estimular, abraços sempre os respectivos ministros com uma coisa que se chama politica, que não lhes deixa vagar, mesmo aos mais zelosos, para se dedicarem exclusivamente ao momentoso assumpto da instrucção, quer geral, quer especial, ambas por egual desprotegidas e atrophiadas.

Para occorrer a tantas, e tamanhas deficiencias do ensino nacional, cuida, e cuida bem, e de ha muito, o sr. D. Antonio da Costa, que só um ministerio da instrucção publica, desligado dos cuidados da administração, poderá dar vida e alentos novos á confusa e irregular legislação que actualmente nos rege, desde a escola primaria, até ao lyceu; desde o lyceu até aos cursos superiores das escolas polytechnicas.

N'este sentido publicou em tempos o sr D. Antonio da Costa um opusculo, defendendo a necessidade da creação de um ministerio de instrucção publica, como já fôra decretado pela dictadura de 1870, e hoje volta a reviver no espirito dos que se interessam pelo desenvolvimento intellectual do paiz. Emquanto, porém, não chega o momento da creação de tão indispensavel ministerio, é para a iniciativa particular que appella o auctor das *Auroras da Instrucção*.

O livro abre, como de rasão e justiça, com os nomes dos tres patriarchas da litteratura moderna portugueza, Garrett, Herculano, e Castilho. O como estes nomes gloriosos se prendem com a divulgação de ensaio popular, elles que a mais elevadas espheras se remontaram, é o que unicamente o sr. D. Antonio da Costa indaga no seu livro, sem curar de saber se outros horisontes mais largos se rasgaram ao genio dos tres notaveis escriptores, que symbolisaram o renascimento das lettras nacionaes. Assim é, que Garrett é considerado, e avaliado apenas como director do Conservatorio; Herculano, como simples fundador e redactor do *Panorama*; Castilho, como o divulgador incansavel da instrucção popular, pelo seu *Methodo Portuguez*, e tantos outros livros de ensino amoravel, e convidativo.

A synthese da influencia decisiva d'estes tres excepcionaes escriptores na primeira metade d'este seculo, resume-a o auctor das *Auroras da Instrucção* n'estas breves palavras, nitida e conscienciosamente formuladas: *Garrett ficou representando a*

O CRIME DO CORREGEDOR

I

O roubo da egreja

Dentro da egreja, áquella hora da noite, havia apenas ligeiras sombras que a pallida claridade das lampadas projectava em oscillações compassadas de uma luz mortiça.

As velhas paredes sombrias e as grossas columnas alterosas, que sustentavam o cruzeiro, perdiam-se como que n'um vacuo incommensuravel.

A espaços, ouviam-se uns estalidos inexplicaveis que o echo repetia ao longe.

N'isto do lado da epistola, na capella-mór, uma subita claridade se destaca da escuridão, deixando no meio das trevas espessas como que um rasto de luz.

Mão firme tinha resoluta aberto a porta n'esse momento, a porta que dava para a sachristia.

Em seguida um vulto estranho encaminhou-se para o altar, avançando com muitas precauções, em passos curtos e vacillantes.

Todos os empregados da egreja estavam a essa hora em seus lares, no saudavel aconchego da familia e as chaves do templo perfeitamente guardadas na secretaria do thesoureiro.

Logo, que mão occulta, que espirito sobrenatural, que audaciosa vontade se aventurava ao commettimento de penetrar alli, a occultas, sósinho, sem outra companhia mais que a das sombras sinistras que voejam em redor de uma consciencia inquieta, no momento de dar um passo arriscadissimo, de pôr em execução um crime friamente premeditado?

A noite estava tempestuosa. Era a 15 de janeiro de 1630, depois da uma hora.

Um homem boçal, de uma grande rusticidade apparente, olhar estupido, mas velhaco, testa acanhada, face angulosa, sem expressão, sem luz na physionomia alvar, aproximou-se da pequena porta que dava para a torre da freguezia de Santa Engracia, no largo do Paraiso, puxou de uma chave de que ia munido, abriu-a á primeira volta e entrou com muita precipitação, tendo antes lançado olhares investigadores ao longo da rua, a fim de se assegurar bem de que não era seguido por pessoa alguma.

Depois penetrou em uma especie de corredor abobadado, que ia ter á sachristia e dava communicação para as casas do despacho e confraria de Nossa Senhora e de Santo Antonio.

Vestia de briche esse homem, um fato velho, com muitos remendos multicores e largos fundilhos nos calções de velha retina.

Deixára os tamancos á entrada e descalço avançou com animo deliberado e passo firme, como de quem mesmo ás escuras bem conhecia os cantos á casa.

Mas ao transpôr os humbraes da pequena porta que dava para a capella-mór, o miseravel deteve-se um momento, mostrando-se hesitante.

Uma friagem estranha entropecera-lhe os movimentos.

E ficou-se n'uma attitude grutesca, de pescoço estendido, olhar espantado, sentindo nas narinas o activo cheiro do incenso, da cera e do fumo do azeite, o cheiro caracteristico das egrejas.

Deante dos seus olhos levantam-se-lhe como que longas fileiras de horriveis espectros, tripudiando de uma maneira sinistra ao redor d'elle, em medonhos esgares, deixando á mostra das arreganhadas carnes, os brancos dentes de uma rigidez marmorea, rigidez terrivel que elle parecia estar experimentando em seus proprios irregelados membros.

Vencendo-se a si mesmo, avançou n'essa lucta supersticiosa, até aos primeiros degraus da capella-mór, caminhando nos bicos dos pés, de braços estendidos, coração palpitante de imaginarios receios sobrenaturaes e as pernas a tremerem-lhe.

Depois subiu de uma maneira ainda mais vacillante, chegou-se ao altar e foi pelo tacto encontrar o que procurava — o sacrario!

Estava elle ladeado por duas largas filas de castiçaes de prata, uma riqueza enorme que a idéa de ha muito lhe produzia a fascinação da cubiça.

Afastou as cortinas que revestiam o sacrario e cujas franjas bordadas a ouro egualmente trazia bem avaliadas, arrombou a ligeira fechadura da formosa portinha cravejada de diamantes, obra de talha, um grande primor artistico, estendeu o braço agarrou ao acaso o que se lhe afigurava ser o vaso das particulas e guardou-o sofregamente, apertando-o muito contra o peito, como se receiasse que algum poder sobrehumano lhe viesse arrancar das sacrilegas mãos, tremulas de medo, a presa preciosa.

Mas o objecto de que se apoderára não tinha a fórma espherica dos vasos sagrados.

Era um bonito cofre de tartaruga cinzelado de prata, com muitos lavores phantasiosos (1).

Ficou em duvida se havia de ir repol-o no seu logar, conhecido o engano.

O que elle queria de preferencia ao cofre, era o vaso sagrado por ser de ouro, de um subido valor.

N'isto, porém, um clarão enorme encheu a nave central do templo, seguido de forte trovão, que abalou nos solidos alicerces todo o edificio.

Então quiz fugir, mas não poude.

Tomára-se-lhe de violentas tremuras todo o corpo irregelado e sentiu no coração estranhas e acceleradas palpitações.

O vento, que sibilava rijo, produzia-lhe o effeito de vozes sobrenaturaes, de gemidos subterraneos, de uma sinistra interpretação.

Deixou-se ficar para alli em mortal inanição.

Inundava-lhe a fronte um suor glacial e comprehendendo bem a enormidade do perigo a que se arriscára, do crime que acabava de commetter, todo o seu receio era que perdesse os sentidos alli mesmo e fossem dar com elle em flagrante desacato, aguardando que se ateiasse a fogueira que o esperava!

A tempestade parecia recrudescer de bravura, como se conjurasse contra o sacrilego todos os seus elementos de destruição.

Ha muito que não havia memoria em Lisboa de uma noite assim.

As chuvas eram torrenciaes e despenhavam-se em catadupas, como sacudidas das entranhas de uma catarata.

O miseravel estava livido. Era a estatua da morte. Tinha os cabellos em pé.

Parecia transportado aos mundos desconhecidos e começava a ver ao redor de si espiritos infernaes, phantasmas horriveis, aventesmas ameaçadoras!

Fechou os olhos para não ver essas visões, tapou os ouvidos para não ouvir as turbulencias d'esses maus espiritos que lhe voejavam ao redor, atormentando-o na sua desesperada situação.

Reduzido a extremo tão doloroso, occorreu-lhe uma só idéa, que foi como se um jacto de luz se produzisse de subito no meio das trevas em que se encontrava.

Era em tal apuro o unico desenlace possivel, a maneira de reconciliar-se comsigo mesmo.

Tratou então de quanto antes renunciar ao crime que trazia premeditado, repor o cofre no sacrario e fugir, fugir depressa, para que sobre elle não cahissem aquellas sombrias paredes da profunda egreja.

Este proposito pareceu reanimal-o.

Avançou deliberadamente, com muita resolução.

Mas a tapeçaria de que estava coberto o solo da capella abafava-lhe o ruido dos passos e parecia querer envolvel-o a todo o momento, porque tropeçava e ia com as mãos ao chão, agachando-s

(1) Existe ainda esse cofre no convento do Desaggravo.

educação artistica, a educação scientifica Herculano, Castilho a educação social; e o espirito das tres a fecundação de uma epocha mais justa.

A esta merecida commemoração da iniciativa dos tres grandes vultos litterarios, no desenvolvimento da instrucção publica, segue-se a breve resenha do que em seu favor teem praticado algumas, ainda que poucas, juntas geraes dos districtos, alguns, tanto, senão mais raros municipios do reino. Saccando de olvido os nomes dos benemeritos que se não deixaram adormecer sobre os loiros da eleição popular, ou que souberam corresponder á confiança dos governos, dos fastos das administrações locaes resaltam os nomes dos srs.: Gouveia Valladares, que serviu de governador civil da Terceira; Bento de Freitas Soares, que foi governador civil do Porto; Joaquim Taibner de Moraes, que exerceu por algum tempo eguaes funcções; Cunha e Sousa, o fundador do *Museu districtal* de Santarem; visconde de Castilho, antigo governador civil da Horta, e herdeiro do entranhado amor de seu pae á instrucção popular; algumas camaras municipaes, sobresahindo entre ellas a de Lisboa, graças á vigorosa iniciativa tomada em 1872, pelo sr. José Elias Garcia, auxiliado pelo sr. Rosa Araujo, *a quem a educação popular deve serviços relevantes*, accrescenta o insuspeito auctor das *Auroras da Instrucção*.

O livro do sr. D. Antonio da Costa apresenta duas feições distinctas: uma toda positiva, tendo por base as estatisticas e os documentos officiaes; a outra senão exclusivamente litteraria, pelo menos caracteristica, debaixo d'este ponto de vista, pelo desenxovalhado do estylo, e pelos primores da linguagem.

N'este ultimo caso estão os dois capitulos que se referem ao bondoso e paciente padre Aguilar, o fundador do collegio de surdos-mudos de Guimarães; e ao asylo de Gandarinha, fundação devida á iniciativa illustrada e christã da sr.ª viscondessa d'aquelle titulo, unica e exclusiva fundadora de tão benemerita, como sympathica instituição.

Quem, n'estes ultimos tempos, não tem ouvido falar do padre Aguilar, dos seus caridosos intuitos, e do condão especial com que Deus o dotára para redemir das trevas da ignorancia os mais infelizes de todos os entes, as mais desherdadas das creaturas humanas, os surdos-mudos? Pois é d'este martyr de si mesmo; *um dos raros que em Portugal possuiam a verdadeira sciencia do ensino infantil*, que o livro do sr. D. Antonio da Costa nos dá noticia circumstanciada, levando-nos pela mão até á beira do seu leito de agonia, e fazendo-nos assistir aos ultimos momentos de um justo, de um cidadão prestante, de um benemerito da humanidade.

(Continua) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

Melhoramentos de Lisboa e seu porto. Foi finalmente apresentado pelo sr. Fontes (ministro das obras publicas), na sessão nocturna da camara dos deputados, de 17 do corrente, o projecto para a realisação d'esta grande obra, urgente e inadiavel providencia salvadora da capital do reino, do seu trafico e commercio, em que tanto se empenhou o illustradissimo ministro, o sr. Antonio Augusto d'Aguiar, ao qual reverte toda a gloria d'este grande commettimento economico. Esperamos que a promessa do sr. presidente do Conselho, *de que ainda n'esta sessão a proposta dos melhoramentos do porto de Lisboa seria considerada*, se torne uma realidade, e que ainda o mesmo estadista possa ver concluidas tão importantes obras.

Congo. Foi tambem apresentado pelo sr. ministro da marinha, á camara dos deputados, o projecto creando o novo districto do Congo. Seja bem vindo. Não percebemos, porém, como fica a séde do Governo em Cabinda, mettendo-se entre este ponto e a margem esquerda do Zaire, nada menos que os territorios da *Internacional*, e o proprio *Zaire claro e longo*, como diz Camões. Parecia-nos mais conveniente organisar um pequeno districto em Cabinda e Molembo, e estabelecer o Governo do districto do Congo em algum ponto da margem esquerda do rio, onde ha muito por onde escolher. Applaudimos pois o fim do projecto, mas não a maneira da sua execução.

Ministerio inglez. A hora que escrevemos ainda não está completamente resolvido o problema da sua formação, parecendo porém, que Lord Salisbury será primeiro lord da thesouraria e ministro dos negocios extrangeiros; lord Churchill, ministro do Estado das Indias; sir Michael-Hicks-Beach, ministro da fazenda, etc.

Kermesse em Santo Antonio dos Capuchos. Começou com bons auspicios esta festa de caridade, na alameda do Asylo da Mendicidade. Na tarde, porém, do dia 13, dia de Santo Antonio, desataram-se as cataratas do ceu e entrou a caír agua, quasi sem despegar toda a noite. Depois o tempo continuou com alternativas, e na quinta-feira 18, recomeçou o leilão ou sorteio. O que é certo, é que não tem havido kermesse sem que a chuva lhe tenha feito a sua visita.

Monumento funebre a Camões. O *Correio de Portugal*, periodico que se publica em Montevideu, transcrevendo uma noticia que inserimos em o n.º 225 do Occidente relativa a um projecto de monumento para guardar os restos de Camões, feito pelo esculptor o sr. Alberto Nunes, faz um appello ao patriotismo dos portuguezes residentes nas republicas da America do Sul e no Brazil, para uma subscripção publica destinada ao referido monumento, e para principiar abriu logo a subscripção pela redacção e mais cavalheiros que subscreveram expontaneamente. D'aqui agradecemos ao collega, o echo que o nosso appello encontrou no seu patriotismo, e se, como esperamos, a subscripção progredir, será ainda mais uma vez os portuguezes expatriados que virão concorrer com as suas valiosas offertas para o pagamento d'esta divida que a patria deve a quem a immortalisou.

Nova linha ferrea. Os srs. João Coelho de Sampaio e Antonio Florido Toscano, obtiveram da junta geral do districto de Coimbra, a approvação da concessão feita pela camara municipal de Mira, da construcção de um caminho de ferro, de via reduzida, systema americano, entre as proximidades de Mira até á praia do mesmo nome.

---

todo assustado. Attentamente, com os olhos muita abertos, em que havia a fixidez penetrante do aguia, elle examinava o immenso vacuo impenetravel que o escuro do templo produzia na sua imaginação.

Foi d'este modo que se approximou do altar, e como se as suas mãos vacillassem e a grande turbação do espirito lhe não deixasse a razão clara para raciocinios de momento, não calculou bem as coisas, e, em vez de recolher o precioso cofre de tartaruga no sacrario d'onde o havia tirado, enganou-se e foi de encontro á imagem de S. Fructuoso.

Elle não teve tempo para mais do que largar o cofre e deixar-se caír, apertando a cabeça entre as mãos e soltando grunhidos ventriloquos e medonhos!

Que lhe havia succedido?

Nem saberia explical-o.

Fôra como se uma legião de demonios houvesse cahido sobre a sua cabeça.

Dir-se-hia que lhe tinham aberto o craneo. Experimentou uma dor mortal, que lhe fez perder por momentos a consciencia dos seus actos, turbando-lhe de subito os sentidos

Quando voltou a si achou-se estendido junto da parede que separava a capella do bello cruzeiro da egreja, e notou com alegria que ainda estava vivo!

Fez o signal da cruz com muita devoção, elle, que momentos antes se havia proposto a roubar o Santissimo Sacramento! mas, n'essa occasião, notou que lhe cahira um objecto qualquer, o qual conservára muito agarrado durante todo o tempo que estivera privado dos sentidos.

Instigado então por uma forte curiosidade de poder explicar a si mesmo o extraordinario caso que acabára de lhe succeder, procurou esse objecto e achou-o logo no primeiro exame.

Observou-o tateando e poude pouco a pouco ir orientando-se da situação.

Sentiu afinal um grande alvoroço intimo. Do mal o menos.

O que lhe havia causado tamanho susto, a enorme pancada que experimentára, o estranho ruido que ouvira, tudo se explicava agora, tudo havia sido obra de S. Fructuoso, que do altar cahira sobre a sua cabeça, deixando-lhe nas mãos carnosas e asperas uma das suas bem contornadas mãos, cujo artistico cinzellamento correspondia em tudo á fama do famoso esculptor que o executára!

Tornava-se portanto urgente deixar tudo como encontrára.

Preoccupava-o isto.

O mais natural era que desejasse fugir d'alli, mas não. Elle pensava diversamente, ou antes, dominado por um forte terror enervante, não sabia tirar das faculdades do seu espirito um raciocinio claro, uma conclusão rasoavelmente logica.

Obedecia ao instincto e produzia o absurdo.

Assim andou muito tempo á procura da imagem de S. Fructuoso, que foi afinal encontrar toda mutilada debaixo da banqueta, do lado do Evangelho Sacudiu-lhe o pó, osculou-a reverentemente e collocou-a de novo no seu logar proprio.

Depois orientou-se do sitio em que estava o sacrario, mas ao metter n'elle o cofre, que lhe havia cahido das mãos, notou que as sagradas particulas se haviam espalhado sobre a toalha.

Começaram então a assaltal-o novos escrupulos, e um terror supersticioso se apoderou do sacrilego ladrão.

As idéas confundiram-se-lhe e baralharam-se-lhe por tal forma, que, ao acaso, não precisando bem o que fazia, rasgou meia cortina do altar a fim de envolver com mais recato as sagradas formas, sem tocar-lhes, para que não as profanasse o contacto das suas mãos impuras.

O vento sibilava ainda, soprando rijo, em fortes rajadas que abalavam as vidraças do coro, mas a voz sinistra do trovão emmudecera de todo, e a chuva, posto que incessante, era menos copiosa.

O homem tornou a benzer-se e foi em ultima resolução guardar o cofre, mas novo incidente o assalta de uma maneira desesperada.

Sente-se preso pela manga da jaqueta, solta um grito, quer fugir no primeiro impulso, mas desorientado detem-se, vendo que traz suspensa da vestia a tampa do vaso de ouro, que era de forma espherica, tendo ao alto uma pequena cruz do mesmo metal cravejada de diamantes. Detem-se mais horrorisado ainda reconhecendo que o vaso cahido sobre o altar deixára n'elle, como o cofre, todas as particulas que continha!

Inutilmente se procuraria descrever o estado pathologico d'esse enfermo, na situação anormal em que se apresenta, no periodo terrivel que vae atravessando.

Corre de um para o outro lado como louco. Não sabe que fazer. Tem diante de si uma difficuldade invencivel.

Vae ao altar de Santa Isabel e traz d'ahi a toalha que o reveste, rasga de passagem uma outra toalha ainda do altar de Santo Antonio, faz de tudo isto uma trouxa, em que envlveo as particulas, a mão de S. Fructuoso e a cruz do vaso de ouro, e deita a fugir (1).

(1) Todos os pormenores expostos são deduzidos rigorosamente das curiosas peças do processo d'este desacato, que tão triste celebridade havia de obter.

Foi direito á sachristia, e, circumstancia singular, apesar da turbação em que estava, nem lhe esqueceu os tamancos, deixados não se sabe por que singular precaução á entrada da capella, nem aberta uma unica das portas que encontrára fechadas!

Isto explica-se pela forte necessidade intuitiva de apagar todos os vestigios do seu crime, de não deixar na sua passagem um rasto que o denunciasse.

Tarefa inutil. O desacato estava consummado. O auctor d'elle podia escapar agora aos olhos perscrutadores das justiças de el-rei, mas o seu crime não. Esse estava manifesto.

Deixava uns vestigios bem evidentes, ficava alli bem assignalado, de uma maneira indelevel.

As gerações futuras haviam de recordal-o. Passaria de bocca em bocca, adulterado pela tradição verbal. Tomaria por ultimo as proporções lendarias de uma narrativa phantastica, oriental.

Elle fugia; elle, miseravel, elle, criminoso, fugia. O seu destino era esse.

Agora, quando se encontrou em plena rua, sobraçando a pequena trouxa em que envolvera as sagradas particulas profanadas, revoltou-se comsigo mesmo em grandes accessos de ira.

Para que trouxera comsigo as provas do crime? Que alarve que elle era!

Ha tanto tempo que andava premeditando aquelle assalto á egreja, cujas preciosidades lhe despertavam a brutal cobiça, para agora, depois de ter vencido com o maior arrojo todas as difficuldades de tão arriscada empreza, circumstancias imprevistas, o medo, um terror estupido, uma fraqueza superior á sua vontade, o reduzirem ao triste papel de um homem que foge de si mesmo, da propria sombra, de um homem, emfim, que tem medo de phantasmas!

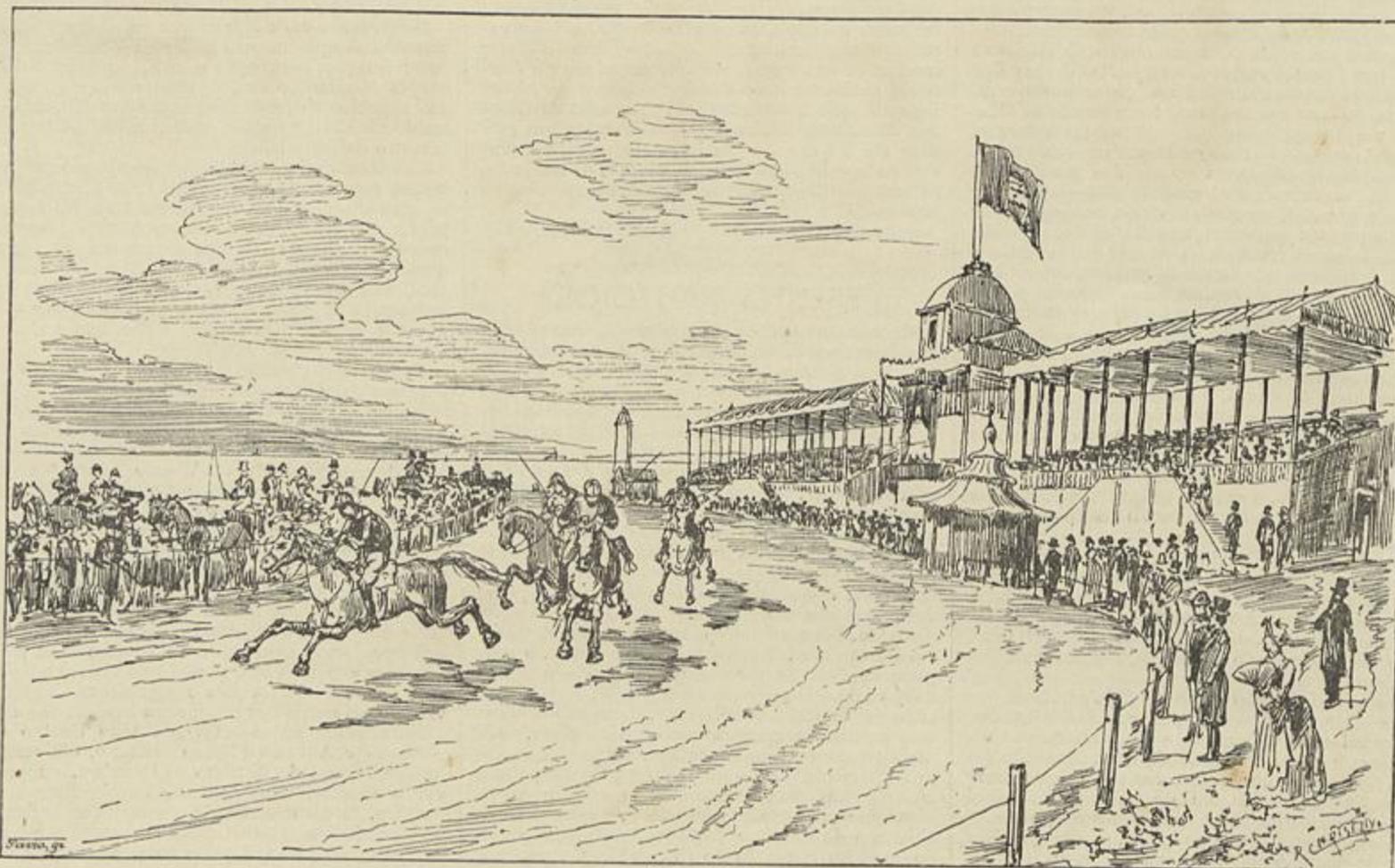
Bateu na testa indignado.

A sua vontade era pegar n'aquella trouxa, que afinal nem já lhe pesava na consciencia, e atirar com tudo para casa do diabo.

Que contas havia de dar aos seus cumplices? Que idéa ficariam fazendo de si, vendo-o, depois de tantos trabalhos, voltar com as mãos abanando, e, peior que tudo isso, trazendo comsigo corda para se enforcar!

Elles haviam de estar de certo embuscados por alli proximo á sua espera, com aquella insistencia felina com que á sahida da toca o gato aguarda o rato.

Poderia acaso fugir-lhes?

(Continúa) *Leite Bastos*

HYPPODROMO DE BELEM — AS CORRIDAS DE CAVALLOS NA PRIMAVERA DE 1885 (Desenho do natural por J. Christino)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O TUMULO DE GAMBETTA EM NICE pelo dr. Luiz Jardim, Livraria Editora, Tavares Cardoso & C.ª, Lisboa, 1885. Quando ha dois annos o sr. dr. Luiz Jardim fez uma viagem pelo extrangeiro, visitou Nice, e alli teve occasião de vêr o tumulo de Gambetta, que o impressionou profundamente. D'essa visita resultou o opusculo que acaba de publicar, no qual descreve com todo o sentimento e colorido, o tumulo onde se guardam os restos do ultimo tribuno da França, que das ruinas d'um imperio levantou uma republica, que lhe devorou a vida. A' descripção do tumulo e logar onde se acha, junta o auctor os traços geraes de Gambetta que põem em relevo a grande estatura do gigante, demonstrando a sua grande influencia nos destinos da França, á qual deixou traçado o caminho a seguir, que elle não poude desbravar completamente, porque a morte o colheu antes de chegar ao fim! Completam o luxuoso opusculo um retrato, em perfil, de Gambetta e uma estampa do tumulo, onde se veem as montanhas de corôas que a gratidão dos francezes tem deposto sobre as cinzas do seu salvador.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. David Corazzi, editor. Administração, 40, rua da Atalaya, Lisboa, filial no Brazil, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. 14.ª serie, n.º 105: *Sociedades cooperativas* pelo dr. José Frederico Laranjo, lente de economia politica na Universidade de Coimbra. Ninguem ignora a importancia do assumpto, que mais ou menos largamente tem sido tratado em opusculos e em periodicos, entre nós. É pena que o auctor, que tanto nos disse das sociedades estrangeiras, não nos dissesse uma palavra com relação ás associações do nosso paiz, onde até ha já varias sociedades cooperativas, não só de consumo, como de outras especies, e de variadas organisações.

MIRACENS, *versos pelo sr. Manuel Augusto d'Amaral, S. Miguel, 1884*. 8.º de 252 paginas e uma de erratas. Tinhamos já lido em varios periodicos insulanos algumas poesias d'este illustrado michaelense, e como succede quasi sempre em tudo, umas nos agradavam, outras não. Agora dizemos o mesmo, ha facilidade, bons pensamentos, algumas vezes o metro não é perfeitamente fabricado, não abusa de certas figuras, ectilipses, etc., como muitos trovistas modernos, e tem a vantagem sobre muitos escriptores do continente, de ser a sua linguagem muito mais portugueza. O tempo e o estudo lhe corrigirão os defeitos, e lhe desenvolverão a imaginativa.

ASYLO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PARA RAPARIGAS ABANDONADAS. *Relatorio apresentado ao Ex.mo Governador Civil de Lisboa relativo á gerencia de 1883-1884*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885. Pelos mappas d'este relatorio vê-se que no fim do periodo a que se refere o relatorio existiam na casa 49 asyladas, e a despeza no mesmo anno foi de 3:889$278 réis; havendo já de proprio quantia superior a 120 contos nominaes em inscripções e o saldo de 2:682$027 réis que passa para o anno seguinte. A gerencia não póde ser mais escrupulosa attento o caracter do cavalheiro que é digno provedor d'este estabelecimento.

ARCHIVO DOS MUNICIPIOS PORTUGUEZES *Historia, analytica, descriptiva e critica de todos os municipios do reino, desde as suas origens e fundação até ao estado actual, feita sob muitos documentos officiaes, existentes e colligidos nos archivos nacionaes e municipaes*, por uma sociedade de jurisconsultos e homens de lettras, Nova Empreza Litteraria de Lisboa, editora. Temos presente as duas primeiras folhas d'esta publicação destinada a formar volume, nas quaes ainda não conclue a introducção da obra que promette ser de grande interesse e utilidade, prehenchendo uma verdadeira lacuna. A historia dos municipios é a historia do povo, e cremos que esta está por fazer, visto que só se tem feito a historia dos reis. Se o trabalho que se vae emprehender, fôr feito com a consciencia e critica indispensaveis, n'isso irá um bom serviço á illustração publica e desde já applaudimos a empreza pelo seu difficil e arduo emprehendimento.

O CADASTRO DA POLICIA por E. Vidal Valenciano e J. Roca y Roca, traducção de Cunha e Sá, Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa. O 1.º e 2.º volumes d'este romance que está fazendo as delicias dos amadores do genero, que são em grande maioria, e tantos mais quanto mais dramatico fôr o romance. *O Cadastro da Policia* satisfaz cabalmente ás exigencias dos leitores que procuram scenas de effeito, lances de sensação, tendo ainda a aguçar-lhe o apetite umas gulosas chromos de muito variados matizes. Que mais querem?

MELHORAMENTOS DO PORTO DE LISBOA. Discurso pronunciado pelo Ex.mo Sr. Conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar na sala da Associação Commercial de Lisboa, na noite de 4 de fevereiro de 1885. Lisboa, typographia de Eduardo Rosa, 150, rua Nova da Palma, 154, 1885. Todos sabem que a apresentação da proposta para os melhoramentos do porto de Lisboa, foi o motivo apparente da sahida do ministerio do illustre professor Antonio Augusto d'Aguiar, que fôra chamado do estrangeiro, onde andava em companhia do principe real, para vir encarregar-se da pasta das obras publicas. A proposta havia sido apresentada á Camara dos deputados no anno anterior, sem levantar o minimo reparo. O intervallo parlamentar aproveitara-o o illustre ministro para ouvir o voto de muitas corporações e associações sobre a sua proposta, e de tudo tirára elementos para a melhorar. Foi n'esta occasião que se levantaram difficuldades, não sabemos de que ordem, que fizeram com que o illustre professor deixasse os conselhos da corôa. Grande numero de associações deram-lhe votos de louvor, e elle veio ao seio d'ellas agradecer taes manifestações. Uma d'essas conferencias é a presente e merece lêr-se.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. É a 39.º caderneta contendo extractos de documentos e outros na integra, que abrangem o periodo da partida de D. Sebastião para Africa, desastre de Alcacer-Quibir proclamação de D. Henrique, cardeal-rei, e processo para a sua successão. Alguns documentos já tinham sido publicados na *Historia Genealogica*, por Sousa, mas outros são completamente ineditos e por isso muito curiosos e importantes. Esta publicação tem-se tornado de dia para dia, cada vez mais interessante.

TYP. ELZEVIRIANA. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.